

EDITOR
Illydio Analyde da Costa

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa da Trindade, 12, 2.º

LYTHOGRAPHIA MATTA
Rua da Dagdalena

Marselheza

Caricaturas de

CHICO LISBOA

Desenhos de

TRINDADE CORREIA

LISBOA, 27 DE NOVEMBRO DE 1898

A Liberdade de Imprensa em Portugal



LEAL DA CAMARA



VENTANIA da perseguição de que falou o sr. Emygdio Navarro, nas *Novidades*, ha tempo, arremessou para além da fronteira Leal da

Camara. Como ella ainda não cessou de soprar, antes redobra de violencia contra todos os que exprimem o pensamento com uma palavra ou com um traço, Leal da Camara conserva-se em Hespanha para não ir fazer no Limoeiro. O que não quer dizer que o exilio seja um prazer, só porque o Limoeiro merece as honras de ser considerado uma infecta baiuca.

A reacção que preside aos actos do poder não podia demonstrar-se mais caracteristicamente do que no caso Leal da Camara.

Que ella era vulgarmente odiosa, todos nós o sabemos, porque o são sempre as reacções, com o seu constante estygma de retrocesso. Mas quiz mostrar que era estúpida, — só isso, acabrunhadamente isso, — e perseguiu Leal da Camara, isto é, não perseguiu já os principios com todas as suas reivindicações,

as opiniões com toda a sua franqueza e a palavra com todo o seu incitamento. Arremessou-se ás cegas sobre o espirito, sobre a graça, sobre a intenção. Foi tão brutal quanto o desejava ser, isto é, mais do que nunca, porque feriu a arte e, mais do que o adversario político, quiz debellar, quiz perder o artista.

Leal da Camara é uma juventude na arte. Surgiu, appareceu, fez-se d'um dia para o outro, servido por uma admiravel vocação de caricaturista, com tamanho impeto, com tanta vida, que todos se affastaram para lhe abrir um logar e todos se congregaram para lhe constituir um publico.

Ora este rapaz, feito de nervos, tem vinte annos. Em dois iniciou elle uma carreira onde já deu largos passos e alcançou authenticas victorias. Assim, aqui temos nós mais do que um homem exilado, um artista interrompido, ou seja um destino interceptado por uma folha de papel sellado, um lapis, partido ao meio, pelo sabre d'um policia que não quer saber se saber se havia dentro d'elle uma alma!

Collecção de proverbios



- Rirá bien ce que rirá le dernier.
- Hoje por nós, amanhã por vós.
- Filho és, pae serás, como fizeres assim acharás.
- Quem tudo quer, tudo perde.
- Etc.



No passado sabbado subiu á scena em D. Maria esta peça de Dumas, filho. Se pelo facto de se cingir a uma these, e ella, por vezes, um pouco falha de sentimento, tem, entretanto, aquelle inegalavel cunho de *savoir-faire* que distingue todo o theatro de Dumas.

No desempenho citaremos em primeiro logar Virginia, que é sempre a mesma eminente artista, indiscutivelmente a primeira entre nós. Ferreira da Silva, muito bem. Não se pode representar melhor, estudou o typo a primor, e não lhe escapou sequer o mínimo detalhe. Augusto Mello, um primoroso *diseur*; Carlos Santos um actor intelligente que se prejudica por uma dicção especial, separando de uma forma accentuada em demasia as syllabas de cada palavra. Posser e Maia concorreram poderosamente para a harmonia do desempenho.

A *mise en-scène* deixa ver claramente a mão de mestre de Augusto Mello. Scenographia de Manini, Machado e Pina, muito boa. Sobresahc a scena do 4.º acto, de Manini, que é primorosa, é, por assim dizer, a ultima palavra em scenographia.

A *Questão de dinheiro* seguir-se-hão, segundo ouvimos, um original do sr. Marcellino Mesquita e uma tradução de Augier, escolhas estas deveras acertadas. Vem agora a lume dizermos que nos parece que mais avisada andaria parte da imprensa, que tão mal tem tratado a sociedade de artistas que hoje se acha dirigindo o Normal, esperando que esta dê as suas provas e julgando-a depois com justiça. Tudo que não seja isto, é claramente um *parti-pris*.

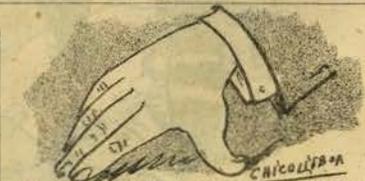
Nota curiosa: em a noite da inauguração, a policia fez-se representar extraordinariamente no Normal. Pelos corredores e salões, filas de mantenedores da ordem. Parecia a procissão antoniana!



Litteratos incruados

O sr. Archer de Lima publicou agora um livro escripto... em francez!
Decididamente, o francezismo invade nos desde o quarto á cosinha, com escala pelo gabinete de trabalho.

E de resto, isto de um portuguez escrever livros em francez tem um fundo louvavel: não se assassina a lingua nacional.



Diz a *Coz Publica* que o sr. Elvino foi libar essencia das suas numerosas circulares a um celebre gavetão do ministerio das Obras Publicas, onde os ministros transactos deixavam alguns projectos em embryão. Mais diz o mesmo jornal que uma biographia de Braamcamp, firmada pelo mesmo sr. Elvino, foi igualmente empalmada, não nos lembra agora onde.

N um paiz onde tudo se rouba, era para admitir que escapassem as idéas. Andou portanto bem o Elvino não pagando direitos d'autores.

E, francamente... aquillo era já muita circular para um Elvino só!

O governo descobriu um meio de empregar os operarios sem trabalho; arma-os em alca-truzes.

Emprega hoje uns tantos, que despede amanhã, para admitir outros, que torna a despedir, e assim successivamente.

Ah, seus pandegos.